

Techezaknu

Nº8 Maio 2018



História da Tnuá

Habonim Dror Brasil



Sumário

Editorial.....	3
Continuidade e transformações geracionais, <i>por Alice Rosenthal</i>	4
Movimento em foco, <i>por Bruno Kreszow</i>	5
O início do Dror no Brasil, <i>por Jayme Zimmerman</i>	7
Cabras espaciais, <i>por Luiz Bines</i>	10
A Tnuá e a formação ideológica dos chanichim, <i>1º Kinus Chinuchi - 1983</i>	11
Fomos nós mesmos que resistimos em Varsóvia, <i>por Felipe K. Gorodovits</i>	12
Símbolo, gesto e ação, <i>por Rebeca Tolmasquim</i>	15
O movimento e a potência de agir, <i>por Henrique Korman</i>	16



E ditorial

Chaverim veChaverot,

Muito se fala que o Habonim Dror deve estar em constante mudança. Às vezes surge a ressalva de que certas coisas, porém, são imutáveis.

Mas mudar a partir do quê? Você conhece a História do Habonim

Dror? Qual a melhor forma de estudá-la? Como deve ser a sua relação com os chaverim de outras gerações? E com os das próximas gerações? Perguntas importantes como estas foram a motivação para este Techezaknu, cujo tema central é "História da Tnuá".

A ideia do Techezaknu surgiu na Moatza Chinuchit de 2011.2, a partir da percepção de que um dos maiores problemas nas discussões do Kinus era a falta de conhecimento sobre as ideologias da Tnuá. O nome Techezaknu - "Nosso Techezakna [Hino do Habonim Dror]" - surgiu com a ideia de tornar as nossas ideologias mais próximas, literalmente nossas.

Foram publicadas 5 edições deste Iton em 2011-12, e o projeto voltou em 2017 com mais duas edições, sendo esta a 8ª edição. Atualmente, a ideia é não apenas estimular a leitura e o conteúdo, mas principalmente estimular a escrita e a produção de conteúdo, portanto as edições mais recentes são compostas majoritariamente por textos escritos por nós, chaverim e chaverot da Tnuá.

Neste Techezaknu estão reunidos alguns textos sobre o tema "História da Tnuá". Há dois textos mais antigos: um é uma entrevista com dois dos fundadores do Dror no Brasil, Jeny e Moshe Kersz, e o outro uma crítica à falta de ideologia na Tnuá feita na década de 80 - qualquer semelhança com as críticas que fazemos hoje em dia não é mera coincidência! Os outros textos são de chaverim atuais, e falam de temas como a importância dos símbolos na Tnuá, o sentimento de saudosismo, a importância de estudarmos nossa história, memória intergeracional e continuidade na ação dos chaverim ao longo da história.

Comentários, sugestões, críticas e ideias para as próximas edições são mais do que bem-vindas!

Ale Ve'Hagshem!

Felipe K.G.

Rakaz Chinuch Artzi



C ontinuidade e transformações geracionais

Alice Rosenthal – Maapilá, Snif SP

Chaverim e chaverot que se envolvem com a tnuá, de certa forma se identificam com algo que ela proporciona. Muitas vezes, na maioria delas, o interesse é a ideologia que o movimento possui e o exercício dessa. A ideologia, ou as ideologias do Dror, atravessam sua história, sendo moldada(s) para caber na realidade, ou seja, em seu momento histórico. A estrutura do pensamento sionista-socialista, kibutzianista, educacional e de vários outros, sempre permeado por valores humanistas, permanece, mas sofre algumas alterações.

A transmissão de concepções da tnuá é geracional, sendo feita através de peulot, atividades, mas também através do convívio. Cada geração vive, de certa forma, um Dror diferente, mas com o repertório que adquire durante essa vivência, passa-se adiante para novas gerações, não é à toa o incentivo à experiência de hadrachá.

Recentemente li uma ata de asseifá do snif São Paulo de 1966, onde estava uma lista dos chaguim que aconteciam eventualmente naquela época. No meio da lista, pós Lag Baomer, vinha "1o de maio". O "dia do trabalho" foi criado na Segunda Internacional Socialista para homenagear trabalhadores que morreram no conflito ocorrido com a polícia, devido à greve geral ocorrida nos Estados Unidos que reivindicava melhores condições de trabalho. Isso revela e realça o socialismo pregado pela tnuá e a valorização histórica do mesmo, à ponto de ser considerado um chag, um marco para refletirmos sobre. O "dia do trabalho" foi declarado como feriado no Brasil em 1925, mesmo assim em 1966 ainda fazia parte da agenda tnuati. Hoje, em 2018, permanece como feriado, mas não mais como um chag.

Esse breve recuo histórico, nos convida a questionar o porquê não é mais um chag, como passou a ser deixado de lado. Mas mais profundamente, nos leva à indagar, ou pelo menos, refletir se o Dror perdeu de alguma forma esse empenho e comprometimento ideológico. Aqueles que compõe o movimento são os chaverim/ ot que constroem uma cara para a tnuá, somos nós que rememoramos, mas também fazemos, não só a história do Dror, mas também toda história relacionada ao que ele prega.

É claro que devemos acompanhar nosso momento histórico e assim, adaptando e utilizando a tnuá para intervir na realidade, utilizando aquilo que consideramos importante que foi transmitido por nossos madrichim, chanichim e pela própria vivência no movimento e todo repertório que levamos na bagagem tnuati. A transformação mas também continuidade de valores, é importante. A transformação para que não estejamos desatualizados, ultrapassados e a continuidade pois é necessário praticar o que prezamos, se não, a tnuá e os ideais, perdem seu sentido e significado.



Movimento em Foco

Bruno Kreszow – Boguer, Snif RJ

Esses dias estava conversando pelo celular em um grupo de amigos em que a maioria dos integrantes participou da Tnuá, e até que de forma relativamente ativa durante os anos de Shichavot Tzeirot. Por um momento hesitei em falar alguma coisa, afinal, segui um caminho diferente deles, estou ativo na Tnuá, tornei a Rua Paulo Barreto, 30 em meu segundo endereço postal, não há uma semana em que não vou para lá ao menos umas 3 vezes, enquanto para esse meu grupo de amigos, creio que tenham visitado pela última vez a tnuá já faz uns 6 anos. No entanto, tive a feliz decisão de não me intrometer tanto no assunto, e resolvi observar qual a visão que eles tinham do Dror, e qual papel o Dror desempenhou para eles. Falavam basicamente que o Dror era um espaço de libertinagem, e se vangloriavam por terem tido uma infância daquelas em que puderam vivenciar grandes momentos com os amigos, por mais que fizessem coisas altamente reprováveis do ponto de vista chinuchi, mas afinal não era isso que estavam pensando nem o que pensam ser a função do Dror para eles, não é a toa que pertencer ao Dror tenha perdido o sentido, e tenham saído do movimento.

Não que eu tenha a presunção de ocupar um papel moralista de julgar o que é certo ou o que é errado, por que, bem ou mal, éramos crianças, e creio ser da natureza social deste convívio, sobretudo em que a autoridade é, na prática, menos autoritária que outras referências que elas têm, como os pais ou professores. Mas o que eu vejo de interessante aqui é ver como as lembranças sobre os mesmos momentos e marcos coletivos desempenharam a construção de memórias e atribuições razoavelmente distintas sobre as situações vividas. Se por um lado falava-se de passado, eu conseguia ver cada uma daquelas situações acontecendo com meus chanichim, e me peguei pensando, se eu fosse madrich da minha shichva naquela época, como eu lidaria e como eu veria, não só a mim, mas a kvutza a qual eu pertencia e sua dinâmica?

Talvez este seja um exemplo frágil para expor as questões dos conflitos entre as gerações na tnuá, por se tratar de chanichim de shichavot tzeirot que tenham um vínculo com o Dror diferente de um vínculo que leva um chaver de shichavot bogrot, mas ainda assim, podia se perceber ali que havia um vínculo nostálgico com a tnuá, que exerceu uma função para a vida desses jovens judeus. Mais adiante retornarei a este ponto.

Na tnuá há vários clichês, que quando utilizados como clichês nada adiantam a não ser para fazer piada, mas buscar o que há por trás deles, nos ajuda a entender como certas construções de valores ou de pensamentos se dão no decorrer do tempo. Aqui me refiro a ideia de que “a tnuá deve estar/está em movimento”. Essa frase é comumente usada para dizer que as ideias da tnuá tem que se adequar a realidade de seus chaverim para aquela antiga e ultrapassada discussão sobre se “A Tnuá faz o chaver ou o chaver faz a tnuá”.



No entanto o termo movimento é dado em sua origem para manifestar uma relação externa da instituição juvenil com a sociedade, os jovens a partir de sua ideologia e de sua prática querem dar movimento a sociedade um não criar um ciclo interno de adaptação. Creio que isto foi resultado de um comodismo, é muito mais fácil se fechar e voltar o foco da tnuá para o âmbito interno do que transformar a sociedade com suas ideologias. Nesse momento a tnuá passa ao meu ver a ter como principal norte a formação pedagógica do chaver, ela se internaliza, e isto se deu pelo motivo de que para o movimento ser uma realidade para a sociedade é necessário unir a ideologia à prática, e tornou-se difícil a prática de um tempo para cá, o cenário mundial geopolítico e econômico mudou, ou alguém acredita que em algum futuro, por mais que distante, haverá uma Israel linda e arborizada rodeada por kibbutzim e moshavim? A ideologia precisa se unir a uma viabilidade real e material, senão, não passa de um sonho, uma utopia, que continuamos seguindo, até tropeçarmos na primeira pedra do caminho, e paramos de andar, e ficamos sentados em roda discutindo sobre abstrações, com medo de dar um passo. O que quero dizer é que precisamos caminhar, mas que precisamos traçar nosso caminho com o chão que temos.

Mas o que isso tudo tem a ver? Creio que esta guinada da tnuá nesse sentido mais educativo transformou a forma como se olha a tnuá. A distinção entre esse caminho educativo e o caminho ideológico é assunto para outra daquelas discussões infundáveis. O meu ponto não é discutir o quão ideológicos são nossos meios (educação não formal), é sim necessário que eles estejam em coerência com os valores propostos como ideologia, ou fins. O que quero é trazer a ideia de que colocar nossos meios como fim, por mais ideológicos que sejam, é um perigo existencial para a tnuá, que passa a viver um ciclo, enquanto deveria se preocupar em com um processo em espiral.

E para mim este rumo que a tnuá vem tomando tornou responsável por um processo tnuati marcado pela lapidação da identidade do chaver, um processo de autoconhecimento contínuo, construído em grupo, mas sobretudo com o foco na individualidade de cada um em saber o seu papel no Dror e na sociedade, caminho que possui suas virtudes, mas que limita a experiência no movimento ao contato externo de forma mais direta, e que nos afasta de ter o poder de dar movimento à sociedade. Não é a toa que o texto começa por explorar minha experiência individual. Lidamos com a tnuá e com seus ensinamentos como algo a ser levado de forma introspectiva, e quando buscamos exteriorizar esses ensinamentos, nos limitamos ao nosso tafkid e kvutzot, que permanece sendo este ciclo fechado ao ambiente tnuati. Mas é nesse caráter individual de nossas referências que para mim surgem os conflitos entre as gerações na tnuá. *“Na minha época era isso”*; *Na minha época era aquilo*”. E seguimos discutindo sobre as mesmas coisas, utilizando os mesmos clichês, com discussões que nunca se encerram, pois afinal, não é importante dar fim a essas questões, é importante neste momento trazê-las ao debate tnuati, mas o tempo na tnuá é curto, e geração após geração, as discussões não terminam, e o movimento que a tnuá acaba executando, por mais que esteja em movimento, permanece inerte.



O início do Dror no Brasil

Por Jayme Zimmerman - Texto publicado na revista comemorativa dos 60 anos de Bror Chail (2008)

No pitoresco e bonito lugar Bait Mugan Yam Hatichon Nordia, juntamente com os chaverim Levy Gur e Dorit Zamir, estivemos com o intuito de entrevistar os pioneiros iniciadores do movimento juvenil Dror no Brasil: o simpático casal Moshe (Maurício) e Jeny Kersz.

Após um lechaim à base de uma pura caipirinha, o casal Kersz nos relatou sobre a pré-história e primórdios do movimento Dror na capital gaúcha. Na cidade de Porto Alegre, havia uma pequena mas calorosa comunidade judaica, principalmente de origem russa e polonesa. Boa parte desta comunidade descendia da primeira imigração oficial judaica ao Brasil, que tivera seu início em 1904, na colônia agrícola Philipson, próximo a Santa Maria (R.G. Sul), em terras adquiridas pela Jewish Colonization Association (JCA), assim como a colônia de Quatro Irmãos, fundada em 1911 perto de Erechim, integradas por imigrantes oriundos sobretudo da Bessarábia. A história destas colônias e dos primeiros colonizadores judeus agrícolas é muito interessante e já foi narrada por alguns historiadores. Não obstante, deve-se ressaltar que os descendentes destes lugares, que chegaram a Porto Alegre e outras cidades do Brasil, trouxeram consigo uma ampla bagagem de conhecimento judaico, assim como valores éticos e humanos, que muito ajudaram a caracterizar a coletividade judaica de Porto Alegre.

A coletividade judaica da capital gaúcha também se beneficiou de imigrantes judeus de origem alemã e dos sefaradim, que muito contribuíram para caracterizar uma comunidade positiva, unida e de tradições judaicas.

Ao ser decretado o Estado Novo, em 1937, sentia-se em Porto Alegre, assim como em todo o Brasil, o clima da ditadura no país. Conforme relata o chaver Moshe, somente era permitida a atividade religiosa e cultural. Eram anos vividos durante a Segunda Guerra Mundial. As notícias sobre os massacres e atrocidades sofridas pelos judeus nos campos de concentração nazista sensibilizavam toda a comunidade judaica. Nesta atmosfera, mesmo com a proibição de atividades de cunho político, por iniciativa do chaver Moshe e também de outros jovens (Samuel Goldfeld, José Halperin, Jacob Jacobson e Julio Prawer), foi fundado, em meados do ano 1944, o Círculo Cultural Yavne, agremiação onde discutiam os problemas políticos da época; a problemática e conjuntura histórica do povo judeu relacionados ao fascismo e antissemitismo; sobre as inquietudes do ser judeu e do pensamento sionista. Naturalmente, também debatiam sobre as injustiças sociais e influências do movimento socialista mundial.

1945: fim da guerra e vitória dos aliados. No Brasil abriu-se a possibilidade da livre expressão política e, conseqüentemente, a formação de entidades judaicas de cunho político, como a Organização Sionista Unificada em Porto Alegre (24/11 /1945) e outras associações. Os jovens do Círculo Cultural Yavne procuravam identificar-se ideologicamente, formando movimentos juvenis sionistas que possibilitassem colocar em prática as ideologias e pensamentos de cada um. Neste sentido, sob a liderança do Moshe, alguns dos jovens do Yavne procuraram uma associação de base sionista socialista com ideologias semelhantes. Por informações, entraram em contato com o movimento juvenil Dror da Argentina, que já existia desde 1934, sob a influência dos imigrantes europeus integrantes do Poalei Tzion. De tanto enviar e receber



correspondência, que na época praticamente a única via de comunicação, Moshe, demonstrando uma memória invejável, ainda se recorda do endereço do snif (sede) do movimento Dror de B. Aires (Calle Ayacucho 352).

Oficialmente, o movimento Dror em Porto Alegre e no Brasil surgiu na data 5 de outubro de 1945 (mencionado inclusive no Google!), mas Kersz considera que o verdadeiro Dror com base educativa chalutziana sionista socialista, direcionado à aliá a Israel e à vida em kibutz, iniciou-se após a viagem de cinco jovens convidados a participarem da Moshavá e seminário ideológico no início de 1946, na cidade de Córdoba, Argentina. Os cinco representantes que viajaram de trem à Argentina, via Uruguiana, foram Moshe Kersz, Xandel Maltz, Samuel Goldfeld, Spritzer e Jeny Kersz, que na época tinha 16 anos, e a mãe havia solicitado que o Moshe cuidasse muito bem dela. (Cuidou tão bem, que passados 62 anos, até os dias de hoje estão juntos!)

A Moshavá e o seminário ideológico de duas semanas, dirigido pelo então líder carismático do partido Poalei Tzion e Dror, chaver Moshe Kitron (Kostrinski), foi muito marcante para os gaúchos sedentos de fontes ideológicas e instrumentos organizacionais e educativos para poderem posteriormente consolidar as bases de um movimento juvenil sério e realizador, orientado aos ideais sionistas e socialistas. De retorno a Porto Alegre, com todo o entusiasmo e dedicação, os jovens gaúchos, influenciados pelo movimento argentino, com o fortalecimento da concepção do mundo e de vida de cada chaver, organizaram com afinco as bases educativas, ideológicas e estruturais do primeiro movimento juvenil Dror do Brasil.

No ano de 1946, após a Segunda Guerra Mundial e tendo ciência dos horrores do Holocausto, toda a comunidade e especialmente a juventude judaica, sentia-se unida e sensível à problemática era judaica de âmbito mundial e desta forma a maioria se identificava com o destino do povo judeu e de Israel. Neste clima de solidariedade judaica e entusiasmo foi relativamente fácil estruturar o movimento juvenil com a participação de centenas de jovens em suas fileiras. Na mesma época, também é justo mencionar, foi formado o movimento juvenil Betar, sob influência dos inúmeros membros revisionistas que viviam em Porto Alegre. Logicamente, não faltavam as inúmeras discussões exaltadas sobre as distintas ideologias dos dois movimentos juvenis. Os movimentos Dror e Betar e posteriormente Hashomer Hatzair e Hanoar Hatzioni, foram tão significativos no seio da juventude judaica, que atualmente é difícil encontrar alguma pessoa idosa da coletividade israelita que não tenha participado de algum dos movimentos juvenis sionistas de Porto Alegre, e conseqüentemente adquirido uma maior consciência e identificação com os valores judaicos e com Israel.

Posteriormente, os "Droristas gaúchos", em contato com grupos de jovens de outros estados, também sob a influência do entusiasmo político da época, foram apoiados e influenciados a iniciarem atividades do movimento Dror, principalmente nas cidades do Rio, S. Paulo e Curitiba. Moshe e Jeny recordam-se do saudoso chaver Eflaim Bariach (Z"L) que em 1946 havia chegado a Porto Alegre junto com o pai, Prof. Boruch Bariach e esposa, que foi por alguns anos diretor da escola judaica de Porto Alegre e considerado um professor de grande capacidade didática.

Moshe, Efraim e outros chaverim consolidaram nos anos 46/47 as bases organizacionais e educativas de teor ideológico chalutziano do movimento. Moshe foi o primeiro mazkir (secretário geral) do movimento brasileiro e Efraim Bariach, junto a outros chaverim do Rio de Janeiro e S.Paulo, participou do primeiro grupo do Machon Lemadrichei Chutz Laaretz em



Israel e posteriormente tornou-se um carismático líder do movimento Dror no Brasil e já em Israel, mazkir do movimento Habonim Dror mundial. Interessante também mencionar que o casal Moshe - Jeny e outros três chaverim, em janeiro de 1949, foram os primeiros participantes da hachshará (estágio) em Jundiaí, como forma de preparação para a aliá à Israel, tendo em vista a adaptação à vida coletiva, preparo físico e contato com a agricultura. Em 1948, houve muitas discussões entre os líderes do movimento sobre a necessidade, na época, de chaverim passarem pela hachshará como etapa pré- aliá. Os líderes, principalmente de S. Paulo, justificavam que não era o momento de abrir a hachshará, pois preferiam antes consolidar as bases do movimento com a participação da jovem liderança em forma de dedicação integral, a fim de fortalecer ideológica e numericamente o movimento brasileiro.

No ano de 1950, o casal Kersz, juntamente com outros 17 chaverim, realizou o sonho sionista e fizeram aliá direto ao Kibutz Mefalsim, que na época era considerado o kibutz dos chalutzim do Dror da América Latina. De início houve alguns problemas de adaptação dos chaverim, e o garin brasileiro, procurando melhorar o processo de klitá (absorção) havia exigido que antes de se integrarem ao kibutz em formação, almejavam passar um período de aprendizagem e adaptação em kibutz veterano. Assim sendo, os primeiros chalutzim passaram um período de hachshará no Kibutz Kineret. Posteriormente, junto com um novo grupo de aliá de chaverim do movimento brasileiro que realizaram a hachshará no Kibutz Afikim e deveriam se integrar ao Kibutz Mefalsim, por razões de adaptação e liderança, a maioria dos chaverim preferiram viver num kibutz com maior identidade "brasileira" e o destino levou-os a fortalecer o Kibutz Bror Chail, fundado em 1948 por chalutzim do movimento juvenil "Hechalutz" do Egito.

Moshe, que havia se formado no Brasil em engenharia química, iniciou seus serviços na nova indústria química de defensivos agrícolas Makhteshim Chemical Work, na cidade de Beer Sheva, em outubro de 1953. E de se salientar, que dos anos 70 até meados de 1985, Moshe foi O mankal (Diretor Geral) desta indústria, considerada na época e atualmente, a maior companhia genérica do ramo no âmbito mundial. Jeny Kersz havia abandonado o segundo ano de medicina em Porto Alegre para concretizar seus ideais chalutzianos. Com a vivência no kibutz em Israel (continuaram a viver em Mefalsim), preferiu dedicar-se ao ramo de educação e com o passar dos anos tornou-se a diretora da escola da região Shaar Haneguev, pertencente à região de inúmeros kibutzim, inclusive o kibutz Bror Chail (vizinhos de Sderot).

Esta é a história do início do movimento juvenil Dror no Brasil, oficialmente iniciado no dia 05/10/1945 e também de um exemplo de um chalutzianismo qualificado que relativamente muito beneficiou do desenvolvimento do jovem Estado de Israel.

Jayme Zamir (Zimmerman) foi Mazkir do Habonim Dror no Brasil (1956-59). Imigrou a Israel em 1960, radicando-se no Kibutz Bror Chail. Engenheiro Agrônomo, Faculdade de Agricultura de Rechovol. Sheliach da Agencia Judaica para o Movimento Habonim Dror no Brasil. participou na implementação de projetos agrícolas no Nordeste do Brasil (Ceará), auspiciados pelos Ministérios do Exterior e Agricultura de Israel. Enviado pelo Banco de Israel como Especialista Agrícola no Paraguai em projetos do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Representou, durante 14 anos, a empresa Makhteshim-Agan no Brasil e países do Mercosul.



Cabras espaciais

Por Luiz Bines – Kvutzá Shnat, Snif RJ

Fechem os olhos e imaginem... Ei! Abram os olhos! Mal começo... é um texto. Vocês vão precisar dos seus olhos para ler. Enfim, imaginem (de olhos abertos e sem desviá-los do texto) que estão no Seminário da Lapa de 1950. O que vêem? Eu, particularmente, imagino uma cena meio descolorida, em que um grupo de umas 300 pessoas, todas adultas, sentadas em forma de meia-lua em um grande galpão ou arquibancada, estão quietas e atentas, enquanto alguém, de pé e bem vestido, gesticula veementemente e discorre sobre a urgência de se fazer aliá. Falta, porém, realismo à cena: estamos falando sobre o Dror, afinal.

Acho muito possível, por exemplo, que alguém tenha levado uma bola de futebol para o Seminário. Digo mais: provavelmente, enquanto propunham que os bogrim abandonassem os estudos, os seus cursos da faculdade, a rotina de suas vidas e fizessem aliá, alguém deveria estar cochichando sobre algum casal dixava que rolou ao longo do marco.

Se fosse para revisitar a saída de Paul Singer da tnuá, após negarem sua proposta de retirar o Sionismo do Dror, feita em uma veidá (como as nossas), na época em que ele era da Hanagá Artzi (como a nossa), pensaria logo em um evento formal, em forma de palestra, com pessoas bem vestidas, em que um adulto de uns 40 e poucos anos faria um discurso digno de ser declamado por um operário em uma fábrica de tecidos de uma Inglaterra recém industrializada, ao cabo que a plateia responderia com vaias e arremessando tomates no homem falando ao microfone.

Minha descrição mental não se parece muito com a realidade das veidot que conhecemos. Para começar: qual a chance de as pessoas estarem bem vestidas? Talvez alguns tivessem acabado de sair de uma gincana porca ou de um jogo de futebol em um campo enlameado. Uma galera deveria estar completamente boiando, enquanto outros pediam silêncio, sem sucesso. Os que chegaram tarde e se sentaram mais atrás talvez não tenham entendido a proposta. Eles devem ter discutido se tinham base para decidirem sobre o tema. Mais ainda, devem ter perdido mais de meia hora debatendo se, caso retirassem o Sionismo do Dror, não estariam acabando com a essência do movimento. Muitos possivelmente argumentaram que, se o movimento era formado pelos seus chaverim, o que eles acreditassem seria o que a tnuá deveria acreditar. De todo o jeito, no final, Paul provavelmente foi aplaudido, mesmo que só por educação. Ao sair do Dror por causa da derrota de sua proposta, muitos o devem ter considerado mimado ou cabeça dura.

Tento humanizar e aproximar esses eventos de nós não para desvalorizá-los, mas para valorizar o que fazemos hoje em dia. O Seminário da Lapa, a proposta de Paul Singer e muitos outros momentos são como sagrados e intocáveis para nós, no Habonim Dror



moderno. É quase como se a parte épica da história da tnuá já tivesse passado. Não! Esses eventos foram incríveis e históricos, mas são parecidos tanto em conteúdo quanto em estrutura com o que fazemos hoje em dia. Não nos valorizamos mais quanto antes. As propostas da veidá são ouvidas sob muito barulho e por uma plateia dispersa e mal vestida? Ótimo. Assim como eram antigamente. Se no Seminário da Lapa teve barulho, pegação, momentos de descontração, piadas internas e mesmo assim foi eternizado em nossas tochniot, nossos marcos também são igualmente válidos.

O Habonim Dror continua acontecendo, assim como antes. Tenho certeza de que, em 30 anos, haverá peulot sobre propostas aprovadas (ou não) em veidot que organizamos nas machanot centrais e sobre ações práticas que fazemos atualmente. Mais ainda: os chaverim do futuro vão olhar para nós e pensar: “Poxa, quem dera ainda pudéssemos fazer a história do Dror como eles faziam naquela época”. Assim como os chaverim dos anos 60 devem ter se lamentado por não pertencerem à tnuá 20 anos antes, para poderem ter construído Israel desde antes de 48, e hoje olhamos para eles com grande admiração, seremos admirados pelos chaverim de 2050. Não chegamos tarde demais para nada.

A

Tnuá e a formação ideológica dos chanichim

Retirado do 1º Kinus Chinuchi do Habonim Dror – 1983 [Autor ou autora não identificado]

A maior carência existente hoje dentro da nossa Tnuá está relacionada com a formação ideológica de base de nossos chanichim, hoje existe uma desorganização e descentralização geral quanto a esta formação, tornando-se artificial qualquer busca a nossas metas, se somos incapazes de preparar nossos chanichim com a mínima base necessária.

As consequências desta nossa incapacidade refletem em nossa situação atual de duas maneiras principais: a primeira delas é a estrutural, com a inexistência do processo de formação dos chanichim e com a entrada indiscriminada de chanichim em shichavot que já deveriam estar com o seu processo de formação ideológica de base num estágio bem mais avançado. A outra faceta que vemos é um fator óbvio, se nossos chanichim estão despreparados ideologicamente, obviamente nossa ação ideológica se reduz a um mínimo, com isto a influência da nossa tnuá e de seus membros, no Ishuv, que cada vez se torna mais passivo e assimilado, torna-se insuficiente, impedindo-nos de propagar a nossa ideologia e impedindo de despertar o ishuv quanto ao caminho do nosso povo.

Quanto aos aspectos da existência de nossa tnuá hoje no Brasil, identificamos claramente três motivos:

A. Ambiente e folclore israeli/judaico



- B. A educação de jovens com menos de 14 anos
- C. Identificação afetiva com o movimento

Estes três motivos fazem com que a tnuá continue a existir dentro de cada chaver, para estes motivos gastamos a maior parte do tempo de nosso movimento, nosso potencial, e parte de nossa verba, apenas no intuito de messibot, lehakot de danças, música, preocupando-se com chuguim de tzofim-solelim incapazes de trazer a tnuá resultados, importando-se em preparar atividades para que as pessoas se identifiquem com o grupo, com o ambiente, visando despertar um carinho (identificação) sentimental e não uma identificação consciente, como deveria ser.

Vendo que o único caminho para isto seria uma reformulação estrutural na tnuá fazendo com que seus meios passem a ser a formação ideológica de base, como um meio de resposta às perguntas estruturais e a criação de chaverim conscientes e identificados que após passarem todos os estágios desta formação possam ter uma ação ideológica dentro da comunidade e grande capacidade educacional dentro do movimento, só com isto poderemos criar novamente um gray de identificação e de motivação que serão fatores decisórios para uma futura Aliá a Eretz Israel.

Fomos nós mesmos que resistimos em Varsóvia

Por Felipe K. Gorodovits – Boguer, Snif RJ

Todos os anos, em Pessach, ouvimos de nossos pais, ou contamos a nossos filhos, que devemos sentir como se nós mesmos tivéssemos saído do Egito. Colocar a si mesmo no lugar do povo que saiu do Egito há milhares de anos é um elemento essencial desse Chag, e esse sentimento intertemporal de pertencimento a um coletivo permeia toda a tradição e a História Judaica. Eu mesmo saí do Egito, eu mesmo atravessei o mar, eu mesmo vivi o exílio na Babilônia, eu mesmo lutei contra os romanos em Metzadá, eu mesmo saí de Canaan após a destruição do 2º Templo. Ao dizer e, mais ainda, ao internalizar estas palavras, nos colocamos como agentes da nossa própria história, desde os primórdios até hoje. Criamos um vínculo que atravessa todas as épocas e lugares e que dá sentido ao que existe hoje no tão plural mundo judaico. Esse vínculo se baseia principalmente na hipótese de que, se de fato tivéssemos estado em determinados lugares, em determinadas épocas, nosso destino seria o mesmo dos nossos iguais. Se eu morasse na Espanha no fim do século XV, provavelmente teria sido de lá expulso, assim como todos os judeus. Se morasse na Rússia do século XIX, certamente viveria em um shtetl e é provável que tivesse vivenciado algum pogrom. Em resumo, o Judaísmo considera importante criar uma identificação entre as diferentes gerações.



É possível traçar um paralelo deste fenômeno para a Tnuá. No Dror, nós valorizamos a identificação com chaverim de outras épocas? Será que devemos valorizá-la? Há poucos anos atrás, constatou-se que nós, chaverim, sabíamos pouco sobre a história da Tnuá e frequentemente chegávamos ao Shnat com pouca base sobre esse assunto. Como consequência, criou-se a machané Shorashim, sobre as raízes do Habonim Dror. Para além disso, não há um módulo específico sobre História da Tnuá em nenhum momento do nosso processo educacional, mesmo com um Projeto Hagsheem que se propõe a ver e rever certos temas ao longo do tempo, em espiral. Lemos muito pouco, de forma geral, sobre o que chaverim de outras gerações pensavam, exceção para os livros Pássaros da Liberdade e o Fragmentos de Memórias, ambos tratando do Dror na mesma época, os anos 50. Com frequência deixamos que aquilo que é produzido na e pela Tnuá se perca, desde itonim antigos até atas de discussões, passando por textos, tochniot, fotos, estatutos, e por aí vai. Há pouco esforço, de forma ampla e eficiente, para preservar esse tipo de coisa.

Por outro lado, em certos momentos específicos, é comum invocarmos a memória de ex-chaverim. Sempre que se fala de Shoá na Tnuá, se fala dos membros do Dror e de outras tnuot que resistiram aos nazistas. Quando o assunto é o envolvimento da Tnuá com a sociedade local, não raro citamos a o engajamento dos chaverim das décadas de 60 e 70 contra a ditadura no Brasil, ou contra o Apartheid na África do Sul. Nos orgulhamos ao falar de membros proeminentes da Tnuá, de Paul Singer até Stanley Fischer (ex-presidente do Banco Central israelense), de Zivia Lubetkin até Sasha Baron Cohen. Apesar de termos poucas tochniot específicas sobre o assunto, não raro fala-se sobre elementos históricos do Habonim Dror em peulot e discussões, mesmo a tochnit sendo outra.

Um momento muito marcante da minha vida tnuati foi durante a viagem do Machon à Polônia, no memorial do levante do gueto de Bedzin (liderado por Frumka Plotnicka, ex-chaverá do Dror), quando a Dalia, nossa guia, disse que das dezenas de iniciativas de resistência contra em guetos e campos de concentração, era possível contar nos dedos as que não tiveram nenhuma participação de chavrei Tnuá na liderança. Naquele momento, percebi que, se eu tivesse estado ali, naquele momento histórico, este teria sido o meu destino, meu e de todos os chaverim que estavam ali comigo. Nós não teríamos desistido, manteríamos a cabeça erguida, seguiríamos educando sempre e, quando necessário, pegaríamos em armas para lutar. Como membros do Dror, que acreditam e amam o que fazem, este teria sido o provável desenrolar das nossas histórias. Naquele momento percebi uma responsabilidade que temos para com os antigos chaverim, com todos os que já passaram pela Tnuá. Somos responsáveis por manter uma continuidade sobre o que eles fizeram. Afinal, somos parte de uma mesma identidade, que é a identidade Habonim Dror. Eu quero olhar para a Tnuá daqui a 20 anos e me orgulhar do que estiver sendo feito pelos futuros chaverim.

Essa continuidade é, obviamente, subjetiva e ampla. Não tem como haver uma definição concreta, principalmente porque uma certa dose de mudança faz parte dessa



continuidade, afinal somos jovens e somos um movimento, é natural que mudanças e adaptações sejam condições da nossa existência. No seminário da Lapa, decidiram que todos largariam os estudos para ir a Israel. Algo assim seria feito pelos chaverim de hoje? Certamente não. Mas pode ser interessante fazer a pergunta de outra forma: estivessem os chaverim de hoje presentes no seminário da Lapa, com suas cabeças de hoje, sujeitos ao contexto da época, teriam tomado as mesmas decisões? Talvez, mas aí já cabe a discussão. Eu tendo a achar que sim, e não só isso, tendo a achar que aqueles que estiveram neste marco tnuati, se olharem o que é a Tnuá hoje, vão gostar do que vêem. Vão gostar da maneira que lidamos e construímos nosso Judaísmo, vão gostar da nossa não submissão ao conservadorismo da comunidade, da qualidade do nosso processo educacional. Podem ter ressalvas, e tudo bem, até nós temos ressalvas para nós mesmos, mas o sentimento geral seria de orgulho e, não só isso, de continuidade.

Há uma outra escolha, também, que é a não valorização deste senso de pertencimento inter-geracional. Podemos simplesmente estudar a história da Tnuá – conhecer nossas raízes é essencial, independente de como queremos lidar com elas – e escolher seguir nosso próprio caminho. Afinal, somos transgressores, queremos passar por uma revolução (se não na sociedade, ao menos uma revolução interna) e estamos em constante mudança. Talvez devamos aplicar essa transgressão também ao que nossos antecessores fizeram, dizendo algo como “você fizeram suas escolhas, as quais nós respeitamos, e agora nós fazemos as nossas próprias, e vocês não tem nenhuma relevância nessas escolhas”. Todos conhecemos a imagem daquele ex-boguer ou ex-bogueret que hoje olha para nós cheio de críticas e lamentando como a Tnuá mudou, como os jovens se tornaram radicais, se afastaram do Sionismo ou algo que o valha. Para esse nem precisamos supor, vemos na prática que a tal sensação de continuidade não se faz presente. De quem é a culpa? Nós devemos sentir, assim como nos levantamos contra os nazistas em Varsóvia, assim como nós mesmos fundamos kibutzim, que somos este ex-boguer também? Ele, apesar de discordar do que estamos fazendo, não é parte dessa mesma identidade? Afinal, em seus tempos de movimento juvenil, ele era um transgressor nadando contra a corrente, como gostamos de nos sentir hoje. E a influência da Tnuá permitiu, podendo ter sido mais ou menos responsável, que ele se tornasse um defensor do status quo conservador.

Minha resposta para isso é que essa questão da continuidade é uma via de mão dupla. Eu antes disse que quero sentir orgulho do Habonim Dror do futuro, seja lá o que estiver sendo feito. Com isso, estou incumbindo os chaverim do futuro com uma responsabilidade, a mesma que sinto sobre mim hoje, de preservar as ideias das gerações anteriores de chaverim. Mas também estou assumindo uma responsabilidade, que é a de querer me orgulhar do que é feito, de apoiar a Tnuá no futuro, de não ser preciosista como se a minha época fosse a melhor. Depois da nossa época de Tnuá, nós continuamos com a responsabilidade de seguir caminhos coerentes com o que nós acreditamos e o que a Tnuá acredita.



Se hoje chaverim do passado olham para nós cheios de críticas e discordâncias, devemos ouvi-los. Ouvir não significa acatar, mas sim assumir que a Tnuá também é parte do que eles são, como continuará sendo para nós. E para definir qual a melhor forma de sermos autênticos, de fazer o que achamos certo e, ao mesmo tempo, preservar a memória e o orgulho de uma Tnuá que conta com mais de 100 anos de história, a melhor solução é muito simples: estudar e correr atrás. Conversar com ex-chaverim, ler o que escreviam, estudar a história da Tnuá, entender as mudanças pelas quais passamos e seus motivos. Afinal, ser um movimento não significa abdicar de raízes.

Símbolo, gesto e ação

Por Rebeca Tolmasquim, Bogueret, Snif RJ

Os símbolos, gestos, contextos e fatos históricos caminham juntos. É, isso que chamamos de humano, que traz memória, corpo e história. Brecht, dramaturgo judeu, que revolucionou o teatro (a quarta parede, o método, e sua visão política, leiam os poemas dele, vale a pena) trabalha muito o gesto e como um gesto pode representar tanto. Bater continência ou erguer o pulso direito pode dizer mais sobre uma pessoa do que qualquer marca externa. É o humano externalizando sua ideologia, sua história.

O Habonim Dror tem uma história muito grande, que envolve muitos marcos e contextos, e então nascem os nossos símbolos. Talvez esses símbolos, passado de geração em geração de madrichim, contem mais nossa ideologia do que nossas peulot, porque é uma coisa só, compacta que conta muitas outras separadas.

Ontem, na faculdade, uma colega que conhece judeus de outras tnuot me perguntou qual a diferença ideológica entre os movimentos. Para responder essa pergunta eu tive que contar toda a história do movimento kibutziano. Claro que somos filhos do nosso contexto, como já diria Marx, mas a história que carregamos muda tudo. Quando educamos com o afeto que educamos, nos sentimos responsáveis por passar nossa história, acho que somos especialistas em Janusz Korczak, porque ele próprio educou nossos tataramadrichim, e que passaram pessoalmente para nossos bisamadrichim o que ele dizia e hoje chega até nós.

Nossos símbolos contam nossa história e expõe que até hoje nós os guardamos. O exemplo do nosso maior símbolo, o tilboshet, é a roupa usada pelos chaverim de kibutzim para trabalhar na terra, nele está nosso semel (símbolo, logo) que de forma compacta junta judaísmo, trabalho na terra, e vida kvutzati, a importância de uma educação libertadora e a responsabilidade do chalutzianismo, de ir fazer saber que seus chanichim virão contigo. Toda a ideologia que eu demorei mais de uma década para entender por completo resumida em um símbolo compacto.

Junto com isso temos o ato, que também é um símbolo, o ato de agir pelo símbolo, e



guarda-lo. Isso seria ir a um evento grande representando a tnuá com um tilboshet, ou o mifkad, a peula, os nossos sábados serem sábados, a minha vida inteira guardei shabat. Sim, acendo luz, pego elevador, pego ônibus, mas eu nem sei como é a minha cidade num sábado a tarde, porque todos eu passei com a minha kuvutza, falando hebraico, ouvindo hebraico, conversando sobre Israel, nossos valores e nossa história, e tudo isso são símbolos, e cabem em símbolos, porque esses só existem com a ação. E a ação é um símbolo chaltziano. E a confusão que estou fazendo nesse texto é um símbolo da nossa juventude e educação.

A nossa cultura se reflete muito em símbolos, como duas velas brancas numa mesa sexta a noite num lar judaico, certas tradições que moldam o que é ser judeu, que é algo complexo e infinito, mas temos nossas representações. E a tnuá como mais uma forma do judaísmo também tem seus símbolos, vá a qualquer tnuá que você vai ver, pessoas sentando em roda, um mifkad, e palavras como madrichim e chanichim. Todos símbolos que guardamos com nossas ações simbólicas que ficarão para a história, porque nossos chanichim contarão.

O movimento e a potência de agir

Por Henrique Korman, Boguer, Snif BH

Lendo e relendo as histórias reunidas no livro “Fragmentos de Memórias”, organizado por Avraham Milgram, percebo como a trajetória do movimento é vasta e rica. Também adquire uma maior noção de como o Habonim Dror se construiu e se reconstruiu ao longo dos anos. E concluo que, diante de todos os desafios e vicissitudes que ficaram pelo caminho, é belíssimo que ele se mantenha vivo até hoje.

Mas tenho minhas ressalvas. Mesmo me identificando com muitas perspectivas de vida presentes nesta amálgama, houve muitas modificações ao longo do tempo. Mudaram-se as ideologias, o pensamento tnuati e até a hagshamá. E me paro pensando se realmente fazemos parte da mesma história, do mesmo movimento.

Não sei se isso é preciosismo da minha parte, mas vou ao encontro dessas reflexões diante de alguns relatos do livro que nos chocam, e parecem até inimagináveis. Como no caso de Mira Perlov. Nascida na Polônia, em 1933, passou a infância perante o terror e o medo do nazismo. Junto com sua família, teve que enfrentar muitas dificuldades para encontrar um lugar seguro para viver. Depois de muitos anos, encontrou o Brasil e, neste país, teve que recomeçar a vida.

Nova língua, novos costumes, novos amigos. E o trauma enraizado nas heranças da terra natal. Foi nesta perspectiva que se desenvolveu e entrou na adolescência, período de muitas dúvidas na busca por uma identidade. De família ortodoxa, Mira não se encaixava



nos padrões estabelecidos e buscava se compreender. E assim encontrou o Habonim Dror. Enfrentando os pais e o meio religioso em sua volta, entrou para o movimento e tentou seguir ao máximo suas ideologias.

Este caminho levou Mira para Israel, para que vivesse na prática o kibutzianismo e o sionismo-socialista, em busca da construção do Estado. Ela teve que encarar uma outra nova língua, outro país, um novo estilo de vida. Abandonou a família e o conforto de casa para maximizar sua identidade tnuati. E vive lá até hoje.

Outra interessante trajetória é a do saudoso Paul Singer. De origem austríaca, chegou ao Brasil em 1940. Antes, resistiu, com sua família, ao antissemitismo da Europa. Não à toa, foi denominado como Paul Israel Singer – atribuição obrigatória definida pelas leis raciais nazistas para distinguir os judeus dos não judeus.

Viveu a infância e a adolescência na comunidade paulista, entre a manutenção dos costumes judaicos e a adaptação às tradições brasileiras. Com o passar do tempo, entrou para o Habonim Dror, ao se interessar por suas ideologias, principalmente o socialismo. Encontrou no movimento um espaço de grandes discussões e de formação política. Se encantava pela identificação dos chaverim e o incentivo ao conhecimento, baseado em intensas leituras e debates. Ao mesmo tempo, Singer se entusiasmava pela política local, em um período de redemocratização. Via de perto o desenvolvimento dos partidos e tinha ânsia em atuar no meio.

Esteve no Dror na época do Seminário da Lapa, no qual houve uma grande onda de aliot dos integrantes da tnuá. Logo, se viu diante de um dilema: atuar efetivamente para a consolidação do socialismo no kibutz ou no Brasil? Pela ligação forte que tinha com a família, pelo elo fraco com o sionismo e pela participação direta nos movimentos sociais, permaneceu no país. Assim, ajudou a fundar uma legenda política, o Partido dos Trabalhadores, e lutou até o fim da vida pelos seus ideais. E sempre carregando, como dizia, as heranças do Habonim Dror.

Estes dois relatos, demasiadamente distintos, tem um traço em comum: a luta efetiva pela consolidação de ideais – muitos deles vindos do movimento. E considero que ilustram perfeitamente o meu incômodo em relação à atuação do Dror hoje. Vejo poucos chaverim atuando desta forma, seja como membros ou após se desligarem da vida tnuati. Talvez por isso tenho dificuldade em enxergar um processo de continuidade do Habonim Dror, que faça com que estejamos interligados aos fundadores do movimento.

Reflito sobre este imbróglio há muito tempo. Tento procurar respostas, mas poucas vêm em minha mente. Quiçá seja uma crise artzi, em relação às nossas ideologias e à nossa hagshamá. Ou quiçá seja uma adversidade geracional, pela forma líquida que o mundo se porta.

Por fim, vejo a figura de Espinoza como ideal para sintetizar a minha reflexão. Tanto pelo seu exemplo de vida – de família ortodoxa, largou os estudos rabínicos para estudar filosofia e seguir na prática todas as suas pesquisas e teorias. Quanto pela sua tese de



“potência de agir”. Este conceito fala sobre a nossa vontade de viver e atuar, é a potência que nos dá energia para que sigamos e lutemos pelo o que acreditamos. Sinto que é o que falta no movimento hoje: falta potência de agir para que atuemos por nossas ideologias, tanto dentro como fora do Dror. E mais, falta potência de agir para que o Dror faça parte dos nossos ideais, não só no movimento, como por toda a vida.

